

# A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NORDESTINA NOS CORDÉIS: UM ESTUDO DISCURSIVO

Willamis de Santana ALVES<sup>1</sup>  
Andres Alberto Soto TELLO<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este estudo objetiva compreender, por meio da análise das práticas discursivas, como se dá a construção da identidade e da representação do nordeste brasileiro através do cordel. Este trabalho está baseado no aparato teórico-metodológico da Análise de Discurso de corrente francesa, tomando os cordéis “Lamento do nordestino” e “Perfil do político brasileiro” como objetos de estudo. As análises feitas levam em consideração a língua como um elemento histórico-social que é afetado pela ideologia (PÊCHEUX, 1990). No decorrer da análise, são trabalhadas categorias da AD como interdiscurso e Formação Discursiva.

**PALAVRAS-CHAVES:** Cordel; identidade nordestina; Análise do Discurso.

## 1. Introdução

A Literatura de Cordel é um tipo de poesia popular que chegou ao Brasil em meados do século XVIII, ainda na colonização do país. Esse gênero literário é denominado cordel por ter sido, muitas vezes, vendido em feiras e em mercados, sendo pendurado em barbantes, cordas ou cordéis. Inicialmente, quase todos os autores da Literatura de Cordel brasileira eram cantadores, os quais improvisavam versos que eram cantados durante seu percurso em vilarejos e pequenas cidades do sertão. Atualmente, há vários folhetos impressos do referido gênero sendo vendidos em comércios brasileiros, especialmente, na Região Nordeste.

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras inglês pela Universidade Federal de Sergipe - UFS. Tobias Barreto/SE. E-mail: willamissantana63@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Letras pela UFS. Professor do Departamento de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo e docente do Departamento de Letras Estrangeiras do Centro de Educação Superior A Distância da UFS.

O gênero literário em questão, no Brasil, teve sua expansão na Região Nordeste. Os cordelistas retratam a beleza dessa região, criticam as desigualdades sociais enfrentadas pelos nordestinos e demonstram os principais problemas enfrentados, não apenas na região Nordeste, mas também no país.

Sabendo que a Literatura de Cordel é característica constitutiva do nordeste brasileiro e traz consigo valores da cultura nordestina, surgiu o seguinte questionamento: de que maneira as discursividades constituídas nos cordéis constroem a identidade e a representação do nordeste brasileiro? A partir dessa indagação, este estudo objetiva compreender, por meio da análise das práticas discursivas, como se dá a construção da identidade e da representação do nordeste brasileiro através do cordel. Para tanto, selecionou-se o cordel “Lamento Nordestino”, da cordelista Maria do Socorro Domingos dos Santos Silva, e o cordel “Perfil do Político Brasileiro”, de Varneci Santos do Nascimento, os quais estão disponíveis em anexo.

A fim de se chegar aos resultados esperados, este artigo visa, especificamente: i) identificar de que forma o sujeito cordelista é interpelado pela ideologia; ii) detectar de que maneira esse sujeito discursivo é afetado pelo real da língua e pelo real da história; iii) e destacar como o gênero literário cordel significa na construção da identidade da Região Nordeste.

Esta pesquisa justifica-se pelo fato de trabalhar com um gênero literário que constitui valores sócio-histórico-culturais que podem ser considerados como um dos portadores da identidade e da representação do homem nordestino. Essas representações são identificadas pela constituição ideológica do sujeito cordelista-sertanejo em seus escritos.

Outro fator que se justifica para a realização deste trabalho é a contribuição do cordel como um elemento sócio-histórico e ideológico do povo nordestino, podendo ser considerado como uma poesia representativa da cultura da Região Nordeste. Assim se compreende que esta abordagem é relevante e tem muito a contribuir para a pesquisa acadêmica em torno das inter-relações entre cordel,

valores culturais, ideologia sertaneja e representatividade do homem nordestino.

Desse modo, o estudo em questão torna-se relevante por proporcionar, aos pesquisadores em geral, discussões acerca do cordel como patrimônio sociocultural nordestino e da construção da identidade e representação do homem sertanejo.

Este trabalho está baseado no aparato teórico-metodológico da Análise de Discurso de corrente francesa, tomando os cordéis “Lamento do nordestino” e “Perfil do político brasileiro”, como objetos analíticos. As análises feitas levam em consideração a língua como um elemento histórico-social que é afetado pela ideologia (PÊCHEUX, 1990). No decorrer deste estudo, são trabalhadas categorias da AD, como interdiscurso e Formação Discursiva – FD.

A fim de melhor se desenvolver este artigo, tornou-se preciso dividi-lo em seções. No primeiro tópico, aborda-se as contribuições da Análise de Discurso pecheutiana para os estudos da linguagem, em que se considera a língua relacionada à exterioridade, a AD como uma disciplina de entremeio e a ideologia e o inconsciente como parte construtora do funcionamento da linguagem. Para isso, toma-se como base teorias de autores como Pêcheux (1995) e Eni Orlandi (2015).

Já na segunda seção, discute-se sobre Formações Discursivas e interdiscursos presentes nos cordéis estudados. Diante disso, fazem-se análises discursivas baseadas em teorias que defendem a heterogeneidade linguística e que apontam que os sentidos sempre ganham outras dimensões. Para tanto, fundamenta-se em autoras como Eni Orlandi (2007) e (2015) e Carvalho (2012).

Para finalizar este artigo, são construídas algumas considerações acerca das análises, em que se aponta que o sujeito cordelista é afetado por formações ideológicas que constituem o nordeste como uma região que sofre com a desigualdade social e com a seca. Assim, o gênero cordel contribui para a construção da identidade e da representação nordestina através de sua ideologia sertaneja.

## **2. A análise de discurso de Pêcheux e sua contribuição para os estudos da linguagem**

Estudos de Eni Orlandi (2015) apresentam que a Análise de Discurso pecheutiana surgiu na França por volta da década de 1960 e se constitui no espaço de questões criadas pela relação de três regiões de saberes: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Da Linguística, a AD vai buscar os estudos da linguagem humana; no Marxismo, a AD herda a ideologia de Althusser; e na Psicanálise, a AD vai trabalhar com o inconsciente.

Desse modo, a AD discute a linguagem mantendo uma relação entre esses três domínios disciplinares, considerando que a língua é histórica-social, que o sujeito é interpelado pela ideologia e esta se materializa na linguagem e que esse sujeito é inconsciente, pois acredita ser dono do conhecimento, mas tudo que ele fala já foi dito e mantém relação com a história. Por isso, Eni Orlandi (2007) aborda que:

Se a linguística deixa para fora a exterioridade (que é objeto das ciências sociais) e as ciências sociais deixam para fora a linguagem (que é o objeto da linguística), a AD coloca em questionamento justamente essa relação excludente, transformando, por isso mesmo, a própria noção de linguagem (em sua autonomia absoluta) e a de exterioridade (histórico-empírica). (ORLANDI, 2007, p. 26).

Considera-se, então, que a Análise de Discurso vai trabalhar essa relação da língua com a história, com a ideologia e com o inconsciente, pois, segundo Michel Pêcheux (1995), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. Em consonância, Eni Orlandi (2015) afirma que “o sujeito da linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia”. (ORLANDI, 2015, p.18).

Portanto, os estudos da AD de Pêcheux mantêm uma relação desses domínios disciplinares, mas trabalhando essa relação através de questionamentos, uma vez que, segundo Eni Orlandi (2015), a AD:

[...] Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele. (ORLANDI, 2015, p. 18).

Para isso, Ferreira (2007) relata que os estudos pecheutianos vão em busca, até então, de um sujeito descartado e vai encontrá-lo, em parte, na Psicanálise, apresentando o sujeito descentrado, distante do pensamento livre e dono de si. E esses estudos vão encontrar a outra parte desse sujeito no materialismo histórico da ideologia althusseriana, de acordo com a qual o sujeito é assujeitado e interpelado pela ideologia. É na ligação dessas regiões de saber que Eni Orlandi (2007) vai considerar a AD como uma disciplina de entremeio<sup>3</sup>.

Segundo a referida autora, “a AD trabalha no entremeio, fazendo uma ligação, mostrando que não há separação estanque entre a linguagem e sua exterioridade constitutiva”. (ORLANDI, 2007, p. 25). Com isso, Eni Orlandi (2007) não vai considerar a Análise de Discurso como uma disciplina de natureza interdisciplinar, pois, de acordo com a autora supracitada, a AD não se forma entre disciplinas, ela “[...] vai colocar questões da linguística no campo de sua historicidade que ela apaga do mesmo modo que coloca questões para as ciências sociais em seus fundamentos, interrogando a transparência da linguagem sobre a qual elas se assentam”. (ORLANDI, 2007, p.25). Assim, a AD produz outro campo de conhecimento, tendo suas especificidades e seu próprio objeto de estudo.

---

<sup>3</sup> Uma disciplina de entremeio é uma disciplina não positiva, ou seja, ela não acumula conhecimentos meramente, pois discute seus pressupostos continuamente. (ORLANDI, 2007, p. 23).

Os estudos de Michel Pêcheux trazem uma crítica ao excessivo formalismo linguístico, tomando a língua não como uma estrutura, mas sim como um fator histórico e social. Pêcheux considera a linguagem como um efeito de sentido, seus estudos servem para que os pesquisadores compreendam que a língua é heterogênea, que precisa ser estudada em contexto, pois é influenciada pela ideologia e pela história. Os trabalhos de Pêcheux muito contribuíram para o avanço dos estudos da linguagem, pois defendem que o uso que se faz da língua é ideológico e histórico.

Nesse sentido, considerando a constituição da Análise de Discurso de Michel Pêcheux, apresenta-se o objeto de estudo desse campo de conhecimento. Conforme Eni Orlandi (2015):

A Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2015, p.13).

Desse modo, a referida disciplina se ocupa em estudar o discurso como um elemento histórico-social nas mais variadas situações comunicativas do cotidiano. Portanto, na Análise de Discurso de Pêcheux, tem-se o discurso como uma prática social, em que o sujeito é inconsciente e constituído pela linguagem, não sendo um sujeito consciente e dono do conhecimento.

Tomar o discurso como a palavra em movimento é interligá-lo à história e à ideologia. Assim, ao constituir o discurso como um percurso em movimento, Eni Orlandi (2015) considera que os sentidos das palavras não são estáveis, muito menos únicos, pois eles sofrem efeitos históricos e ideológicos. Por isso, Fernandes (2007) afirma que os sentidos não estão nas palavras, mas sim no contexto e se constroem em sociedade. Assim, conclui-se que os sentidos são heterogêneos.

Para se entender melhor esse jogo de sentido das palavras, observe um trecho do cordel “Lamento nordestino”, de Maria do MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 18, n. 1, p. 599-619

Socorro Domingos dos Santos Silva, em que a referida autora é tomada por uma crítica aos políticos do Brasil e afirma que “Enquanto eles se locupletam e enriquecem com os lucros do mensalão, a seca avança em nosso Nordeste e tira do nosso povo os sonhos, a dignidade e até mesmo o pão!”. (SILVA, 2012). Esses efeitos de sentido podem ser operados em discursividades como “marajás” e “nunca falta leite e pão”.

Dá pena ver que o Brasil  
Tão grande, tão altaneiro,  
Não encontra solução  
Pro seu filho brasileiro.  
Falta fé, falta vontade,  
Ele tem que viver assim  
E ainda tem que votar  
Em uma gente ruim  
Que não está nem aí  
Para a seca do sertão  
Porque para marajás  
Nunca falta leite e pão.  
(SILVA 2012).

A partir dessa materialidade, pode-se observar uma crítica da cordelista aos políticos brasileiros que, conforme a autora, pensam apenas em seu bem-estar e se esquecem de procurar uma melhor qualidade de vida para os nordestinos, os quais sofrem com a seca e outros graves problemas, tais como: a pobreza, a desvalorização e a desigualdade social.

Essa crítica pode ser compreendida em discursividades como: “e ainda tem de votar em uma gente ruim que não está nem aí para a seca do sertão” e “porque para marajás nunca falta leite e pão”. Sendo assim, esse sujeito discursivo foi interpelado por uma ideologia que discorda das atitudes dos políticos brasileiros.

Quanto ao efeito de sentido das discursividades aqui apresentadas, observa-se que, em “nunca falta leite e pão”, o sujeito discursivo pode estar se referindo às desigualdades sociais que o sertanejo enfrenta, encarando, muitas vezes, a pobreza e buscando

passar por superação, sendo isso diferente na história dos políticos brasileiros. Por isso, o efeito de sentido da discursividade “marajás” pode representar uma construção do perfil do sujeito político-partidário do Brasil.

Em relação aos efeitos de sentidos presentes nas palavras, Eni Orlandi (2007) afirma que “o sentido, para a AD, não está fixado a priori como essência das palavras, nem tampouco pode ser qualquer um: há uma determinação histórica [...]”. (ORLANDI, 2007, p. 27). Desse modo, os sentidos são determinados pela posição ideológica do sujeito, pois eles dependem da posição ideológica de quem fala.

Levando em consideração a materialidade discursiva analisada, pode-se compreender que o sujeito cordelista constrói a identidade nordestina como um sertão sofredor que é esquecido pelos políticos. Assim, a Região Nordeste é representada no trecho como pobre, sofredora, esquecida, desvalorizada e injustiçada.

Na próxima seção, aponta-se que há um dito no dizível e que o sujeito discursivo é tomado por Formações Discursivas. Levando em consideração alguns estudos categóricos da AD, apresentam-se discussões de como é construída a identidade e a representação do Nordeste nos cordéis.

### **3. A formação discursiva e o interdiscurso nos cordéis “Lamento Nordestino” e “Perfil do Político Brasileiro”: identidade e representação da região nordeste**

Os estudos psicanalíticos contribuíram para as pesquisas em AD ao se trabalhar com o inconsciente. Nessa razão, essas pesquisas constituem que o sujeito discursivo acredita ser origem do dizer, mas há um já-dito no dizível. Desse modo, considerando teorias de Pêcheux, Eni Orlandi (2015) remete a um tipo de esquecimento que, segundo a referida autora:

[...] é o esquecimento número um, também chamado de esquecimento ideológico; ele é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos

quando, na realidade, retomamos sentidos preexistentes. (ORLANDI, 2015, p. 35).

Portanto, o sujeito tem a ilusão de ser o dono de seu dizer quando, na verdade, tudo que ele fala já foi dito. Tomando esse já-dito e essa retomada de dizeres, surge o conceito do interdiscurso que, conforme Courtine (1981, p. 35), “o interdiscurso é o lugar no qual se constituem, para um sujeito falante que produz uma sequência discursiva dominada por uma FD determinada [...]”.

Já Pêcheux (1995) considera o interdiscurso como aquilo que é falado antes, pois, segundo o referido autor, há um dito no dizível. Em consonância ao conceito da interdiscursividade de Pêcheux (1995), Eni Orlandi (2015) afirma que o interdiscurso “[...] é da ordem do saber discursivo, memória afetada pelo esquecimento, o longo do dizer [...]”. (ORLANDI, 2015, p. 32).

Desse modo, o dizível não é algo particular e mantém relação com o que já foi dito em outros lugares e em outros momentos. Assim, o sujeito é atravessado em uma rede de interdiscursividades. A fim de se compreender melhor o funcionamento dessa interdiscursividade, observe outro conceito de interdiscurso de Eni Orlandi (2015) baseado em Pêcheux (1995).

[...] aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O Interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (ORLANDI, 2015, p.29).

Nesse sentido, Orlandi (2015) significa o interdiscurso como todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que será dito. Essa retomada de dizeres pode ser exemplificada no trecho do cordel que fora apresentado no capítulo anterior com a discursividade desse cordel abaixo que será analisado, ambos escritos em épocas diferentes. Nessas discursividades, é possível observar que o cordel de Silva (2012) retoma algo que foi dito em Nascimento

(2008), neste caso, essa interdiscursividade está relacionada à crítica aos políticos brasileiros.

Ser enganador, mentir  
Enrolar, ser trambiqueiro  
Gostar de fazer promessa  
Não pagar, ser trapaceiro  
Eis os requisitos básicos  
Do político brasileiro.  
Fazer tudo por dinheiro  
Detestar pessoa séria  
Não importar se o povo  
Tá morrendo na miséria  
Quando escutar falar dela  
Achar que isso é pilhéria.  
(NASCIMENTO, 2008).

Tomando como base a referida materialidade, pode-se observar que o sujeito cordelista faz uma crítica às atitudes tomadas pelos políticos brasileiros, os quais, segundo o autor, esquecem-se do bem-estar do outro. Assim, esse sujeito discursivo, por meio de sua interpelação ideológica enuncia uma imagem para os políticos brasileiros. Isso pode ser representado no efeito de sentido de discursividades como “Enganador”, “mentir”, “enrolar”, “trambiqueiro”, “gostar de fazer promessa”, “não pagar”, “ser trapaceiro”, “fazer tudo por dinheiro”, “detestar pessoa séria”.

Segundo o autor do cordel, Nascimento (2008), o poema, aqui analisado, trata do perfil do político do Brasil, que, aliás, não é o mais desejável para nenhum país com o mínimo de seriedade. Assim, o cordelista manifesta sua insatisfação com os acontecimentos políticos no país e, principalmente, pela representação de seu Nordeste esquecido. Sendo assim, a identidade nordestina também é significada como esquecida, desigual e sofredora. O cordelista nordestino abre sua crítica aos políticos por lhe faltar boas ações. Assim, sua região é representada como desprovida, abandonada e carente.

Tomando essa interdiscursividade presente nos discursos, Eni Orlandi (2015) considera que “[...] todo discurso se estabelece na

relação com um discurso anterior e aponta para outro”. (ORLANDI, 2015, p. 60). Deste modo, deve-se levar em consideração a heterogeneidade discursiva, ou seja, não há discursos homogêneos, pois há sempre a presença do outro no que está sendo dito.

Ao considerar essa heterogeneidade discursiva, Carvalho (2012) a define como “[...] presença de outros sujeitos marcados nos discursos, na multiplicidade de vozes que os atravessam, resultando em um texto ilusoriamente uno, homogêneo e despojado de conflitos”. (CARVALHO, 2012, p. 114). Então, a heterogeneidade está ligada ao atravessamento dos discursos, pois há sempre uma relação com o outro no que está sendo dito. Portanto, todo discurso é heterogeneamente constituído.

Por isso, Eni Orlandi (2015) afirma que “O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa em nossas palavras”. (ORLANDI, 2015, p. 30). Assim, os discursos se constroem na interdiscursividade pelo inconsciente e interpelados pela ideologia.

Em relação a essa construção discursiva, Eni Orlandi (2015) considera que “O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra”. (ORLANDI, 2015, p. 41). Sendo assim, a construção dos discursos se dá pelas Formações Discursivas.

De acordo com Michel Foucault (1986), as FDs são um sistema de regularidade e de dispersão. Pêcheux (1990a) parte desse conceito e o reconfigura, considerando as FDs como um deslocamento em direção aos efeitos do momento da conjuntura e do acontecimento.

A partir disso, Eni Orlandi (2015) considera as FDs como “[...] aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura socio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”. (ORLANDI, 2015, p. 41). Assim, as FDs se constroem pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo socio-histórico.

Vale ressaltar que as FDs são heterogêneas, pois há textos monológicos, contudo, em AD, a heterogeneidade é sempre

constitutiva. Nesse sentido, Eni Orlandi (2015) retrata que “[...] em um texto não encontramos apenas uma formação discursiva, pois ele pode ser atravessado por várias formações discursivas que nele se organizam em função de uma dominante”. (ORLANDI, 2015, p. 68). Para se entender melhor o funcionamento das Formações Discursivas, a seguir, em um trecho do cordel de Silva (2012), pode-se observar a presença de uma Formação Discursiva predominante, entretanto atravessada por outras FDs.

O solo seco... Rachado,  
A chuva que não chegou,  
A água que não mais brota  
Da fonte que a gerou.  
Os rios contaminados,  
Queimadas... Devastação  
E os animais morrendo,  
Pois falta alimentação.  
Nordestino forte e bravo,  
Que luta! Que sofrimento!  
Sem ter recursos sequer  
Para comprar o sustento.  
Ele olha para o céu  
Mandando uma mensagem,  
Pedindo que a chuva venha  
E acabe com a estiagem.  
(SILVA, 2012).

O trecho acima remete ao sofrimento enfrentado pelo homem nordestino, o qual vive, muitas vezes, tomado pela seca, pela pobreza e pela desigualdade social, contudo, levando em consideração a análise da discursividade “nordestino forte e bravo”, pode-se compreender que, mesmo diante dessas dificuldades, o homem sertanejo se constitui como um sujeito persistente e batalhador.

Em relação à inscrição do sujeito nas FDs, pode-se observar que o sujeito cordelista se inscreve em outras Formações Discursivas, mas há uma FD predominante: a sertaneja. Essa predominância pode ser verificada em discursividades como “o solo seco rachado”, “a chuva que não chegou”, “e os animais morrendo, pois falta alimentação” e “acabe com a estiagem”.

Ainda no trecho analisado, é possível notar a inscrição do sujeito em uma FD relacionada à degradação ambiental “os rios contaminados, queimadas... devastação”, como também em uma FD religiosa “ele olha para o céu, mandando uma mensagem pedindo que a chuva venha”. Portanto, foi possível compreender que há um atravessamento de Formações Discursivas no que está sendo dito.

Ressaltando essa heterogeneidade presente nas FDs, observe outra abordagem de Eni Orlandi (2015), em que a autora relata que as Formações Discursivas se configuram e se reconfiguram em um processo contínuo e isso é parte das condições de produção afetadas pelo sujeito, pois as palavras estão sempre sujeitas a sofrerem efeitos de sentidos. Desse modo, a referida autora considera que:

[...] é preciso não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluídas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações. (ORLANDI, 2015, p. 42).

Portanto, nos estudos de AD, não se deve considerar que as palavras significam em si, pois há uma determinação histórica, social e ideológica no que está sendo dito. Sendo assim, Eni Orlandi (2015) afirma que “uma mesma palavra, na mesma língua, significa diferentemente, dependendo da posição do sujeito e da inscrição do que diz em uma ou outra formação discursiva”. (ORLANDI, 2015, p. 58). No trecho abaixo, do cordel de Silva (2012), é possível entender por que os sentidos das palavras dependem da posição do sujeito e de sua inscrição em uma determinada Formação Discursiva.

Entretanto, a natureza,  
De tanto ser agredida  
Transforma-se em sequidão,  
Perde sua própria vida.  
E o guerreiro da roça  
Parte e deixa para trás,  
Seus sonhos e uma vida  
Que ele não suporta mais.  
Coração dilacerado,

Quase vencido, descrente,  
Com fome, descamisado,  
Transformado em indigente.  
Ele tem filhos, mulher,  
Mas tem que seguir sozinho  
Vai procurar outra estrada,  
Para abrir novo caminho.  
(SILVA, 2012).

Levando em consideração a análise de discursividades como “E o guerreiro da roça parte e deixa para trás, seus sonhos e uma vida que ele não suporta mais” e “Ele tem filhos, mulher, mas tem que seguir sozinho vai procurar outra estrada, para abrir novo caminho”, é possível observar que o sujeito cordelista se inscreve em uma FD sertaneja para narrar acontecimentos recorrentes em sua região.

O efeito de sentido dessas discursividades permite entender que o Nordeste é representado como um sertão seco, em que, muitas vezes, faltam oportunidades ao homem nordestino em sua região e ele tem de se distanciar de sua família para buscar uma melhor qualidade de vida em outro lugar, geralmente nas Regiões Sudeste e Sul do país.

Por isso, os sentidos das referidas discursividades mantêm relação com a FD predominante, ou seja, o sentido do trecho está relacionado à FD sertaneja. Caso o sujeito houvesse se inscrito em outra FD e não na sertaneja, o texto poderia tomar um sentido diferente, pois, de acordo com Eni Orlandi (2015), “Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes”. (ORLANDI, 2015, p. 42). Assim, as FDs influenciam no significado do que está sendo dito.

Com isso, Eni Orlandi (2015) relata que “[...] os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos”. (ORLANDI, 2015, p. 28). Dessa forma, os sentidos mantêm relação com a exterioridade, pois o dizível é determinado pela história e mantém relação com o que não foi dito e com o que poderia ser dito, mas não foi.

Em um trecho do cordel de Nascimento (2008), apresentado abaixo, pode-se observar como é construída a identidade do Nordeste e como este é representado através do jogo de sentido das palavras constituído historicamente.

Se a fome deletéria  
Castiga um desempregado  
Ao saber dessa notícia  
Fingir-se penalizado  
Porém, quando for comer  
Não lembrar do esfomeado.  
(NASCIMENTO, 2008).

Como visto anteriormente, levando em consideração a análise discursiva do cordel de Nascimento (2008), o texto remete a uma crítica aos políticos brasileiros por só pensarem em si, deixando o outro como segundo plano. O posicionamento do sujeito discursivo pode caracterizar o Nordeste como uma Região desprovida de benefícios pelos políticos, os quais não procuram executar propostas para que o povo nordestino se distancie de problemas como: a fome, a desigualdade, a seca e a exclusão.

Observe no trecho o efeito de sentidos de discursividades como “castiga um desempregado” e “quando for comer, não lembra do esfomeado”. Essas posições tomadas pelo sujeito elegem novos sentidos para o que está sendo dito. Neste caso, o sujeito se refere ao abandono dos políticos pelo seu povo sofredor.

Por isso, sabendo que os sentidos não podem ser dados a priori, Eni Orlandi (2015, p. 78) afirma que “Falamos a mesma língua, mas falamos diferentes. Dizemos as mesmas palavras, mas elas podem significar diferente. As palavras remetem a discursos que derivam seus sentidos das formações, regiões do interdiscurso [...]”. Desse modo, é possível compreender que os sentidos sempre podem ser outros e vão depender da posição ideológica do sujeito, das condições de produção, por isso não há sentidos homogêneos e estáticos, eles são heterogêneos e estão sempre em construção.

Levando em consideração as abordagens desta seção, pode-se notar que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente ao acreditar

ser a origem de seu dizer, e esse sujeito é constituído ideologicamente, dando condição para o dizível ter sentido. Já o interdiscurso está relacionado à retomada de dizeres interligada ao sujeito e as Formações Discursivas determinam o que está sendo dito.

### **Considerações finais**

Considerando as abordagens discutidas neste trabalho, pode-se compreender que o sujeito discursivo é histórico, pois suas práticas na linguagem estão interligadas à exterioridade. Esse sujeito também é ideológico, uma vez que ele é interpelado pela ideologia, como foi discutido: não há sujeito sem ideologia; desse modo, sem esta não há sujeito, muito menos sentido. Também se verificou que as ações na linguagem pelo sujeito se dão de forma inconsciente, pois ele acredita ser origem do que diz, quando na verdade há um já-dito no dizível.

Assim, levando em consideração esse estudo discursivo do funcionamento da linguagem, as análises discursivas dos textos estudados serviram para compreender de que forma as discursividades presentes nos cordéis constroem a identidade nordestina, em que se constatou que o Nordeste é significado como uma região que sofre com problemas como a seca, a exclusão, a desigualdade social e a fome. Entretanto, essas discursividades apresentam que, mesmo diante desses empecilhos, o sertanejo nordestino é um sujeito persistente e batalhador.

Vale destacar que se pretende dar prosseguimento a este estudo, considerando que a pesquisa acadêmica deve sempre estar em movimento. Portanto, planeja-se continuar instigando acerca do funcionamento da linguagem, tomando como prioridade a maneira como as discursividades presentes nos cordéis passarão a propagar na identidade da Região Nordeste.

ALVES, W. de S.; TELLO, A. A. S. A construção da identidade nordestina nos cordéis: um estudo discursivo. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 18, n. 1, p. 599-619, 2019.

## THE CONSTRUCTION OF NORDESTINE IDENTITY IN THE CORDELS: A DISCURSIVE STUDY

**ABSTRACT:** This study aims to understand, through the analysis of discursive practices, how the construction of the identity and representation of the Brazilian northeast through the cordel is given. This work was developed through the Discourse Analysis of French Current, taking the "Lamento do Nordeste" cordel and "Perfil do Político Brasileiro" as objects of study. The analyzes made take into account language as a historical-social element that is affected by ideology (PÊCHEUX, 1990). In the course of this research, AD categories such as interdiscourse and Discursive Formation will be worked on.

**KEYWORDS:** Cordel; Northeastern identity; Speech analysis.

### Referências

- CARVALHO, M. L. G. C. *A construção de uma discursividade feminista em Sergipe: A revista renovação na década de 1930*. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.
- COURTINE, J. J. *Analyse du discours politique*. Le discours communiste adressé aux chrétiens. In.: *Langages*, 62, 1981.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da análise de discurso no Brasil: um breve preâmbulo. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Clara Luz, 2007.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- NASCIMENTO, Varneci Santos do. *Perfil do Político Brasileiro*. Disponível em <<http://varnecicordel.blogspot.com/2008/01/perfil-do-politico-brasileiro.html>>. Acessado em 28 de dezembro de 2018.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5ª ed. Campinas, Pontes Editores, 2007.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 12ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- PÊCHEUX, Michel (1969). *Análise Automática do Discurso*. In: GADET & HAK (org). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: EDUNICAMP, 1990.
- PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Orlandi. Campinas-SP: Pontes, 1990 a.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NORDESTINA NOS CORDÉIS: UM ESTUDO DISCURSIVO

SILVA, Maria do Socorro Domingos dos Santos. *Lamento Nordestino*. Disponível em < <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/3970307>> Acessado em 28 de dezembro de 2018.

## ANEXOS

### LAMENTO NORDESTINO

O solo seco... Rachado,  
A chuva que não chegou,  
A água que não mais brota  
Da fonte que a gerou.

Os rios contaminados,  
Queimadas... Devastação  
E os animais morrendo,  
Pois falta alimentação.

Nordestino forte e bravo,  
Que luta! Que sofrimento!  
Sem ter recursos sequer  
Para comprar o sustento.

Ele olha para o céu  
Mandando uma mensagem,  
Pedindo que a chuva venha  
E acabe com a estiagem.

Entretanto, a natureza,  
De tanto ser agredida  
Transforma-se em sequidão,  
Perde sua própria vida.

E o guerreiro da roça  
Parte e deixa para trás,  
Seus sonhos e uma vida  
Que ele não suporta mais.

Coração dilacerado,  
Quase vencido, descrente,  
Com fome, descamisado,  
Transformado em indigente.

Ele tem filhos, mulher,

Mas tem que seguir sozinho  
Vai procurar outra estrada,  
Para abrir novo caminho.

Dá pena ver que o Brasil  
Tão grande, tão altaneiro,  
Não encontra solução  
Pro seu filho brasileiro.

Falta fé, falta vontade,  
Ele tem que viver assim  
E ainda tem que votar,  
Em uma gente ruim

Que não está nem aí  
Para a seca do sertão  
Porque para marajás  
Nunca faltam leite e pão!

Maria do Socorro Domingos dos Santos Silva  
João Pessoa, 04/11/2012.

## **PERFIL DO POLÍTICO BRASILEIRO**

Ser enganador, mentir  
Enrolar, ser trambiqueiro  
Gostar de fazer promessa  
Não pagar, ser trapaceiro  
Eis os requisitos básicos  
Do político brasileiro.

Fazer tudo por dinheiro  
Detestar pessoa séria  
Não importar se o povo  
Tá morrendo na miséria  
Quando escutar falar dela  
Achar que isso é pilhéria.

Se a fome deletéria  
Castiga um desempregado  
Ao saber dessa notícia  
Fingir-se penalizado  
Porém, quando for comer  
Não lembrar do esfomeado.

Varneck Nascimento, 2008